

Analizando expressões brasileiras (verbetes em C-D)

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo apresenta alguns verbetes que integrarão um futuro “Dicionário filosófico-sociológico de expressões brasileiras”, buscando esclarecer seu uso, datação e sentido.

Palavras Chave: expressões brasileiras. uso, datação e sentido.

Abstract: This article presents some entries (as part of a coming Dictionary) of Brazilian slang and idioms on their datation, meaning and usage.

Keywords: Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning.

Introdução – Expressões brasileiras, seu significado e datação

Neste artigo e no outro que integra esta edição, apresento uma amostra do que será um livro, um “Pequeno Dicionário Filosófico e Sociológico de Expressões Brasileiras”, que sucede o recém publicado *Pequeno dicionário de expressões brasileiras* (<https://www.editoraenguaguacu.com.br/product-page>).

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, com a vinda da Família Real. Em cada citação (na qual manteremos a grafia da época), indicamos o órgão de imprensa, a data de publicação e a cidade ou Estado da federação do qual ela procede.

Abreviaturas aqui empregadas

BN: Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional.

Delicado – é referência ao livro de Antonio Delicado, *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs*, Lisboa, Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651.

Pequeno Dicionário: verbetes do “Pequeno dicionário de expressões brasileiras”, São Paulo: Enguaguacu, 2023.

Rolland, Francisco ed. - *Adagios, Proverbios, Rifãos e Anexins da Lingua Portugueza*, tirados dos melhores authores nacionaes, e recopilados por ordem alphabetica por F.R.I.L.E.L. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1841. Nova edição correcta, e augmentada (a 1ª. edição, da mesma casa e coligida por Rolland, é de 1780).

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br. Autor do recém-lançado: *Pequeno dicionário de expressões brasileiras*. São Paulo: Enguaguacu, 2023.

Causa, razão, motivo ou circunstância

Mais do que um bordão do Prof. Girafales do Chaves, esses termos que indagam pelo agir humano são uma das tantas dívidas que o Ocidente contraiu com Aristóteles e, como afirmou o grande filósofo espanhol Julián Marías em memorável conferência sobre o Estagirita:

Poucos lêem filosofia, mas todos vivemos e todos usamos uma língua que é aristotélica em uma altíssima proporção. Gente que não sabe nem quem era Aristóteles, que não conhece seu nome (e certamente não sabe nem uma palavra de grego), emprega justamente o vocabulário e o sistema conceitual de Aristóteles o tempo todo. Nesse sentido, a fecundidade aristotélica é extraordinária

Entre tantos outros conceitos, por exemplo, quando falamos em “teoria” e “prática” ou quando as peças de publicidade da Pirelli ou da Unip falavam em potência – “Potência não é nada sem controle”/”Transforme seu potencial em sucesso profissional” é a Aristóteles que se devem pagar os *royalties*.

Do mesmo modo, quando se trata de esquadrihar a conduta humana, encontramos a fórmula de precisão, enraizada em textos jurídicos em língua espanhola: a que indaga pela causa, razão, motivo ou circunstância de tal ato. Encontramo-la também, por exemplo, em um programa municipal de educação da República Bolivariana de Venezuela, que promete, “entre outros benefícios”, saber a causa, razão, motivo ou circunstância pela qual uma criança não está integrada ao sistema educacional².

O seriado Chaves nada mais fez do que recolher esse velho bordão, que, no Brasil, tornou-se jocosamente equivalente ao enfático perguntar “Por que raios...?” ou “Por que diabos...?”: “Por que causa, razão, motivo ou circunstância, esse sanduíche ainda não saiu!?”. Bordão adequado ao estereótipo professoral e erudito de Girafales, como também quando ele emprega todas as conjunções ao mesmo tempo: “Mas, porém, contudo, todavia, entretanto...”.

“Causa” ainda é muito amplo, tão amplo que nosso “coisa” até etimologicamente é causa: “não faria isso por coisa nenhuma” (Houaiss); ou no Aurélio: “Que coisa provocou o rompimento dos dois?” (amplitude como a da palavra francesa para moça: *fille* – toda moça é, afinal, filha).

Aristóteles distingue as famosas quatro causas: material, formal, eficiente e final. No batido exemplo didático, a causa de tal estátua é sua forma – a de Fulano, o homenageado (causa formal); ou o bronze (causa material); Policleto, o escultor (causa eficiente); e a finalidade de homenagear o herói (causa final).

Claro que em um mundo que é visto como perpassado por *logos*, os porquês das causas podem ser vistos como razão: Por que (finalidade) esta estátua? Para que nunca esqueçamos dos pracinhas que corajosamente lutaram na guerra. No agir humano, a causa final – e finalidade é uma razão – é segundo o axioma escolástico “a primeira na intenção e a última na execução”. E a razão explícita a conexão causa-efeito mesmo em processos físicos alheios à vontade do homem: A razão (causa) do elevado nível de água nas represas é o abundante índice pluviométrico deste verão.

Já “motivo” parece indicar a razão enquanto móvel da ação e se torna totalmente psicológico quando empregamos a palavra “motivação”. Quando, diante de uma ação, perguntamos “por quê?”, estamos perguntando pela razão (*reason, raison...*): “Por que razão você fez isto?”. E o mesmo ocorre quando, diante de uma

² http://www.cne.gob.ve/divulgacion_municipal_2013/programas/20/291.956.pdf

ação, dizemos: “É, você tem razão...”, “está coberto de razão”, etc. E para uma ação que é um grave mal moral, dizemos: “Que absurdo!!”. Subtrai-se ao âmbito da razão, quem – não apontando os porquês – insiste em fórmulas como: “Não estou a fim...” ou, como na antiga campanha publicitária de cerveja: “Porque sim!” (o que equivaleria a dizer que não há razões para optar por essa marca?) “Schin. Chega de dar explicação e diga ‘porque sim!’”. Ou no espanholíssimo: “Porque (no/) me da la gana!”

Isto não quer dizer que a pessoa tenha sempre uma justificativa racional pronta, consciente para cada ato. A função da virtude, classicamente um *habitus*, é precisamente a de permitir realizar o ato com facilidade, espontaneamente, com um certo automatismo que não tira a liberdade, antes pelo contrário... (quem objetaria a espontaneidade adquirida – após árduos esforços – dos hábitos para extrair acordes do piano, falar uma língua estrangeira ou andar de bicicleta?).

Já a circunstância é “condição de tempo, lugar ou modo que cerca ou acompanha um fato ou uma situação” (Houaiss). Uma coisa é o ato; outra a circunstância: no exemplo de Tomás de Aquino: “Não é circunstância se o forte age corajosamente por causa do bem que é a fortaleza; mas se age corajosamente para a libertação do Estado, do povo cristão ou de modo semelhante. E o mesmo se dá com o que respeita ao que se faz; assim, se alguém, derramando água, lava outrem, isso não é circunstância da ablução; mas, sim, se, lavando resfria ou aquece, sana ou faz mal”. Claro que as circunstâncias podem ser decisivas na valoração de um ato: por exemplo se se trata de um furto de milhões ou de centavos; se se toma de um rico desonesto ou de um pobre trabalhador; etc.

Dada a importância das circunstâncias é necessária a circunspeção, que mais do que a atitude reservada ou sisuda é, também etimologicamente, ver o que circunda. Como na proverbial visão periférica de Pelé – que abrangia 180 graus, enquanto a média dos futebolistas não passa de 165 – que possibilitou o genial passe para Carlos Alberto marcar o quarto gol da final da Copa de 1970.

Na famosa sentença de Ortega, a circunstância é promovida ao nível do eu: “Eu sou eu e minha circunstância...”.

E é que nem sempre temos domínio sobre nossas ações... Nem sempre imprimimos nossa límpida vontade a nossos atos. Por exemplo, ocorre muitas vezes que a decisão tem que ser tomada em fração de segundo, sem deliberação: em uma palestra da Soccerex, comentava-se que um jogador de futebol toma cerca de 1350 decisões por jogo e o treinador quer prepará-lo, fazendo-o driblar cones (!?).

Também muito do que fazemos transcende o estreito binômio voz ativa/voz passiva, que a gramática quer impor a nosso modo de pensar. Estamos tão acostumados a considerar que o verbo só admite essas duas formas de voz que nem podemos imaginar uma terceira. Ativa e passiva – assim pensamos à primeira vista – esgotam todas as possibilidades (o que poderia haver além de “Eu bebi a água” e “A água foi bebida por mim”?). E como o pensamento está em dependência de interação dialética com a linguagem, o fato de nossa língua (como, em geral, as línguas modernas) não admitir uma terceira opção – a voz média, que não é ativa nem passiva – constitui um grave estreitamento em nossas possibilidades de percepção da realidade.

A voz média é um rico recurso – encontrado por exemplo no grego – , que permite expressar (e perceber e pensar) situações de realidade que não se enquadram bem como puramente ativas nem como puramente passivas. Isto é, há ações que são praticadas por mim, mas que, na realidade, não o são em grau predominante: há tal influência do exterior e de outros fatores que não posso propriamente dizer que são plenamente minhas. O eu estende-se à circunstância...

O latim se vale de verbos chamados depoentes precisamente para essas ações minhas, mas que não são prevalentemente minhas; eu as protagonizo, mas não sou senhor delas, estou condicionado fortemente por fatores que transcendem o eu e sua vontade de ação. É o caso, por exemplo, do verbo *nascor*, nascer (nacer-nascido). O verbo nascer, a rigor, não é ativo nem passivo: eu nasço ou sou nascido? Sim, certamente sou eu que nasço, mas estou longe de exercer de modo totalmente ativo e independente esta ação (“Com licença, eu vou nascer...”); e por isto o inglês usa nascer na passiva: *I was born...* O mesmo acontece, por exemplo com o morrer: a ação é minha, mas não o é...

Com a perda da voz média, o português perdeu não apenas um recurso de linguagem, mas sobretudo um poderoso recurso de pensamento, de captação/expressão de imensas regiões da realidade. De fato, é uma violência para com a realidade que empreguemos, por exemplo, o verbo “surtar” como ativo: “O Giba é assim, ele surta a toda hora”. Como se o pobre Gilberto tivesse total controle sobre o que o faz surtar...

As canções de Paulinho da Viola trabalham muito com a voz média. O samba “Timoneiro” – do qual procede o verso: “Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar...” – é um maravilhoso exemplo dessas ações que o latim expressa por verbos depoentes. Não sou plenamente dono do meu navegar; quem me navega é o mar. “E o mar não tem cabelos que a gente possa agarrar...”.

Esse ser levado pelo mar da circunstância permite outro bordão, desta vez do próprio Chaves: “Foi sem querer, querendo...”, unido a seu outro cacoete: “Me escapuliu!”.

Chá de cadeira

Surpreendentemente essa expressão é já centenária: surge por primeira vez na BN em 1926, associado a uma novidade “chic” que “chegou chegando” (v. verbete) ao Brasil em 1915 e que, imediatamente, fez enorme sucesso na alta sociedade: o **chá dançante**.

Assim “A Época” (RJ) noticia em 13 de agosto de 1915:

Tem tido a melhor aceitação por parte dos socios do Jockey Club a inovação do “chá dançante” às quintas e que foi muito concorrido.

Em 1916, a impactante novidade é inaugurada também, com todo o luxo (incluindo cinema e jogos de cassino), em outro ponto badaladíssimo da alta sociedade, em Santos:

O Parque Balneario inaugurou uma nova diversão: é o chá dançante, que vai das 4 às 6 horas da tarde. Nessas reuniões, onde predomina o elemento britânico (porque o inglês é louco por chá e procura-o por toda parte) dança-se e tomam-se aperitivos ao som de uma orchestra de professores abalizados. O vasto e formoso salão do esplendido hotel fica cheio e é um gozo ver as raparigas, em toillettes claras, dançando o tango ou a valsa, nos braços de rapazes desempenados, de olho coruscante e sapato de entrada baixa. Em torno, as matronas e os homens maduros ficam saboreando o chá, a dança e a música, que põe enlevo na alma e a faz volver aos tempos idos. Após o “chá dançante”,

vem o jantar; em seguida o cinema, o “baccará” ou o “chemin de fer”
(...)
 (“Correio Paulistano”, 07-05-1916)

Esses bailes (e outros) não eram puro deleite para as moças, pelo contrário: iam a eles temerosas e tensas pelo medo de não serem tiradas para dançar, o que transformaria o chá dançante em “chá de cadeira”, um humilhação terrível, sobretudo porque seria testemunhada por todos, fornecendo farta munição para fofocas da sociedade... E o mesmo quando a rapariga só era tirada para dançar obviamente por misericórdia...

A expressão “chá de cadeira” surge na BN em 1926 e todas suas primeiras aparições são nesse sentido.

Que me adeanta ir, se não sei dansar? para tomar “chá de cadeira”, como vocês dizem? (“Frou-Frou” RJ, fevereiro de 1926)

Só nos anos 50 – ainda timidamente – a expressão começa a se libertar de seu habitat original e se estende a qualquer aflitiva espera:

Enquanto não se consegue a formação de um serviço médico para os aviadores civis, para livrar do CHÁ DE CADEIRA os tripulantes de aeronaves comerciais, o Sindicato Nacional dos Aeronautas está desenvolvendo ação no sentido de destruir o penoso sistema burocrático ora existente...
 (“Tribuna da Imprensa” RJ, 02-03-1951)

E hoje, com o declínio dos bailes nos quais o cavalheiro tira a dama para dançar, ninguém mais sabe o significado primitivo de “chá de cadeira”, durante décadas expressão exclusiva de salões dançantes.

Para concluir, uma curiosidade: o Aurélio dá “fazer renda” como sinônimo no Nordeste para “tomar chá de cadeira”.

Chefe de cozinha – o “mestre-cuca” glamorizado

De tempos em tempos, certas realidades recebem novos nomes (e por vezes retoques de apresentação) para se adaptar aos novos tempos. No Pequeno Dicionário, mostramos como nos anos 70 desapareceu o tradicional “almoço comercial”, substituído pelo “almoço executivo”, de melhor status (do mesmo modo que “Bar e Lanches” deu lugar à “lanchonete”, novidade chique no final dos anos 60).

Foi também o que aconteceu com a profissão de cozinheiro. Acompanhando a evolução dos fogões de cozinha, em 13 de maio de 1877 (“A Matraca” RJ), a BN registra um primeiro *upgrade* no status desse profissional, que passa a ser chamado pelo nobre título de mestre: Mestre-Cuca.

Assim, o estabelecimento “Serra Lima & Piedade” anuncia “a aquisição de um perfeito mestre cuca (que oferecerá aos clientes) o que pode haver de mais desejável em preparos de comestíveis” (“A Pacotilha” MA, 09-11-1889).

De outro mestre-cuca, fala-se de seu comando na cozinha:

Mestre cuca, perito da arte culinária, dá constantes ordens a uma dezena de molecotes, asseadinhos, avental à frente, a cara preta reluzindo ao sol de Fevereiro.
 (“Gazeta de Petrópolis”, 21-09-1897)

Oitenta anos depois do surgimento dos mestres-cuca, seu “reinado” começa a ser ameaçado: em meados da década de 1950 a BN começa a falar de “chefes de cozinha”, contratados por restaurantes e hotéis brasileiros, que queriam se apresentar como requintados e com um ar internacional, como o sofisticado “Bon Voyage”. Inaugurado em 1954, para o quarto centenário da cidade de São Paulo, projetado por Niemeyer, esse restaurante foi também o primeiro drive-in da América Latina.

Em 23 de junho de 1956, o “Correio Paulistano”, noticia que o “Bon Voyage” contratou um novo “chef” de cozinha, o francês Jean Durrand, que sucede a um chef russo e a um espanhol, que já tinham “organizado o cardápio mais internacional possível”

Naturalmente, as duas formas – mestre-cuca e chef(e) de cozinha – conviveriam ainda por bom tempo e mesmo em 1980 o “Jornal dos Sports” (17-02-1980) continua a falar do mestre-cuca do Copacabana Palace. Mas, claro, os dias dos mestres-cuca já estavam contados. E nenhum jovem de hoje ouviu falar em mestre-cuca nem haverá na TV uma franquía de competição culinária chamada Master Cuca...

Chegou, chegando

A gíria falada, mesmo que muito popular, nem sempre alcança rapidamente à imprensa escrita. É o que aconteceu com “chegou, chegando”, uma expressão que após uma primeira e isolada aparição na BN em 1980, só volta à imprensa nos anos 2000. Seu surgimento na BN deu-se em notícia sobre o lançamento da cantora de sambas Jurema e seu disco “Em sinal de paz”:

Jurema chegou chegando. Mesmo desconhecida do grande público seu primeiro disco foi fácil às paradas.
 (“Tribuna da Imprensa” RJ, 15-08-1980)

A repetição do verbo pode ser sinal de intensidade da ação: “vamo que vamo”, “quer porque quer” e “tô que tô” indicam que vamos com tudo, ele quer para valer e não vai desistir e eu me encontro em estado de forte alteração.

A chegada de uma figura nova em uma instituição pode ser prudente e discreta, “mineira” ou, pelo contrário, deixar bem claro que a partir de agora, com essa chegada (de impacto), as coisas já vão mudar radicalmente – é o caso de quem chega, chegando... Como ocorreu com três times importantes em crise que, nos dias 20 e 21 de abril de 2023, mudaram de técnico: Sampaoli assumiu o Flamengo; Dorival Jr., o São Paulo; Cuca, o Corinthians. Dos três, a imprensa especializada afirmou que chegaram chegando: “4 mudanças logo de cara, Dorival chegou, chegando”³; “5

³ <https://br.bolavip.com/saopaulo/4-mudancas-logo-de-cara-Dorival-chegou-chegando-Novo-treinador-mal-chega-e-Sao-Paulo-tera-novidades-chocantes-20230421-0095.html> Acesso em 22-4-2023

mudanças logo de cara, Cuca chegou, chegando”⁴ e “Chegou chegando; Sampaoli dá ‘bronca geral’ em treino”⁵.

Em qualquer caso, a chegada de um novo treinador assinala um recomeço e inaugura uma nova fase e é relativamente comum no futebol a experiência de que o time tenda a se dar bem nos começos do técnico estreante. Mas nem todo chegar é um marco de fim de um período e começo de um novo; chegar pode significar mover-se dentro de um ambiente pré-estabelecido, simplesmente aproximar-se (uma pessoa a mim chegada, está afetivamente muito próxima). Como quando se diz “chega mais” para pedir aproximação física (ou psicológica / existencial) ou na fórmula original do conhecido antigo provérbio “cada um chega a brasa à sua sardinha”, fórmula que aparece na BN em 1843 e prevalece por anos até ser substituída por “puxa”.

Chegar também pode se associar a movimento de afastamento, como quando se dá um “chega pra lá” em alguém...

Círculo virtuoso (/vicioso)

O próprio conceito de vício já contém a ideia de círculo (ou, por vezes, se emprega também: “ciclo”), como por exemplo: ele bebe porque está deprimido, a bebida aumenta a depressão e a depressão convoca mais beber. “Círculo vicioso” aparece inúmeras vezes, desde sempre na BN (a primeira ocorrência é de 1810). Mas demorou muito até que alguém observasse que a retroalimentação podia funcionar igualmente para o bem, em um círculo virtuoso, como na antiga peça de publicidade do biscoito Tostines: “vende mais porque é fresquinho; é fresquinho porque vende mais”.

Só no começo do século XX é que surge a ideia de formular no positivo, embora a primeira aparição na BN se dê de forma ainda negativa (o positivo, o virtuoso seria só um desiderato), em um soneto intitulado precisamente “círculo virtuoso”, de autoria do Correa de Almeida, significativamente um padre (“O Pharol”, Barbacena, 07-07-1901).

Nos últimos anos do século XIX, Minas Gerais esteve dividida, pela acirrada e então ainda recente polêmica da mudança da capital (em 1893), de Ouro Preto para a nova urbe, planejada e inicialmente chamada de “Cidade de Minas” (onde antes existia o “Curral d’El Rey”). E em 01-07-1901 foi aprovada uma lei que mudava mais uma vez o nome da Capital, desta vez para “Bello Horizonte” e o soneto “Círculo Virtuoso” do padre questiona essa mudança:

Progresso às vezes sobe, às vezes desce,
e por essa razão hoje aparece
no Congresso a reforma de uma lei

Se o tal nome de Minas [Cidade de Minas] vai abaixo,
não tardará, por novo cambalacho,
Bello Horizonte, a ser Curral d’el Rey

⁴ <https://br.bolavip.com/corinthians/5-mudancas-logo-de-cara-Cuca-chegou-chegando-Novo-treinador-do-Corinthians-mal-chega-e-Timao-tera-novidades-chocantes-20230421-0033.html> Acesso em 22-4-2023

⁵ <https://www.antenadosnofutebol.com.br/times/fez-isso-chegou-chegando-sampaoli-da-bronca-geral-em-treino-e-video-viraliza-na-torcida-do-flamengo-55780-20230421-ANF-55780.html> Acesso em 22-4-2023

Com certeza!

Este verbete é para estrangeiros. Uma manifestação de nossa proverbial “cordialidade” é (para efeitos verbais...) a suavidade brasileira (que infelizmente vai se perdendo, ao sabor de radicalismos políticos maniqueístas e a disseminação do tom de ódio nas redes sociais). Se um brasileiro diz a outro brasileiro “aparece lá em casa qualquer hora para almoçar”, o interlocutor entende que (assim, sem enfática insistência) não se trata de um verdadeiro convite, mas de mera e inócua cortesia verbal. Já um interlocutor estrangeiro pode puxar a agenda e perguntar: “– E quando pode ser?”.

No Brasil, nunca se diz não! Se um brasileiro recebe um convite absurdo ou descabido, digamos “– Faço questão que você vá na cerimônia de formatura de minha sobrinha neta na Educação Infantil”, ele nunca responderá com o devido “não” (que já está mais do que decidido), mas dirá: “– Com certeza!”, “– Ôooopa!” ou qualquer outra forma absolutamente afirmativa (mas que significam realmente um claro não). Na Espanha, onde as coisas são diretas, a avó coruja iria ouvir um sonoro: *¡No!* ou *¡Qué no!*, talvez seguido de um palavrão-interjeição (muito mais autorizados pelas usos e costumes de lá): *¡Que no, j&%*r!*, ou *¡Que no, c&#!*

Coração, o girador

Qalb, coração, é na língua árabe, literalmente girador, o que dá voltas; *qalaba* é o verbo girar.

Uma primeira sugestão que nos ocorre com essa caracterização é a de que o homem, volúvel e inconstante em seu núcleo profundo, o coração, volta-se para cá e para lá, girando, oscilando ao sabor de caprichos e impulsos repentinos. Para nós, a giração é antes associada a disfunções e desvarios: *gira* é a pessoa adoidada, amalucada, volúvel: *biruta* (a biruta, como se sabe, é aquele pano cônico dos aeroportos, que gira ao sabor dos ventos).

Se a giração aponta para a anormalidade; na tradição semita isso não ocorre necessariamente: girar é, antes, a condição normal do centro radical da pessoa: o seu coração. A etimologia é tão conatural que nem é advertida pelo falante árabe, o que é confirmado por um proverbial verso que a relembra expressamente (tal como se lembrássemos o caráter de imposição do imposto e disséssemos, com Drummond, em português: o imposto chama-se imposto porque nos é imposto):

Wa ma sumya al-qalbu qalban illa liann yataqalabu...:

(o coração/girador foi chamado de girador/coração porque... ele gira) .

Na tradição muçulmana, Deus é o “girador (transformador) dos corações” (*muqallibu al-qulûb*), como diz o Alcorão: “...o dia em que os corações (*al-qulûb*) serão girados (*tataqallab*)” (24, 37; cfr. também 18, 18 etc.). E num *hadith*, um dito do Profeta, é mesmo um pião: “O coração está entre dois dedos do Misericordioso, que o faz girar como Ele quer”.

Daí que uma imagem da alma, clássica na mística muçulmana, é a roda de poço, que pela giração (*qalaba*, por extensão é também transmutação) reflete Deus e se transmuta nEle; imagem que reaparece na mística espanhola de São João da Cruz, com o evangélico “poço de águas vivas”...

E na tradição sufi encontramos derviches que buscavam o êxtase místico em dança giratória (hoje mais frequente como atração turística...)

O fato intrigante é que mesmo sem a associação imposta pela língua, como no árabe, nossos poetas, uma e outra vez, voltam-se para o caráter girador do coração. Assim, na *Autopsicografia*, depois de descrever incomparavelmente os vaivéns e reviravoltas a que está sujeito o poeta, Fernando Pessoa desfecha:

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração

E na *Roda Viva* de Chico Buarque:

Roda mundo, roda-gigante
Roda-moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração

E numa surpreendente coincidência com a tradição árabe, diz a canção de Kleiton e Kledir:

Ah! Vira, virou
Meu coração navegador
Ah! Gira, girou
Essa galera

García Lorca escreveu todo um poema dedicado ao coração-girador. Já o título é sugestivo: “*Veleta*”, que significa não só cata-vento, mas, metaforicamente, “*persona inconstante y mudable*” (*Dicc. de la Real Academia*). O poeta, desolado, dialoga com os ventos: todos chegaram tarde demais e a “veleta” deve, afinal, girar sem ventos...

Las cosas que se van no vuelven nunca,
todo el mundo lo sabe,
y entre el claro gentío de los vientos
es inútil quejarse.
¿Verdad, chopo, maestro de la brisa?
¡Es inútil quejarse!

Sin ningún viento
¡hazme caso!
gira, corazón;
gira, corazón.

E, em seu poema, “*Otro Sueño*”, o coração dá voltas, cheio de tédio, como num carrossel em que a morte brinca com seus filhinhos:

Hay floraciones de rocío
sobre mi sueño,
y mi corazón da vueltas
lleno de tedio,
como un tiovivo en que la Muerte
pasea a sus hijuelos

E de Neruda é o verso: “mi corazón da vueltas como un volante loco” (*Veinte poemas de amor y una canción desesperada*, 11).

A poeta francesa Marie Méliou, que também se refere (no poema “Désordre de pétales blancs”) ao girar do coração:

si mon coeur tourne
chaque instant pensées dansent

chega a considerar as palavras da poesia “sismógrafo do coração”.

Felizmente, para além das disfunções e das loucas reviravoltas, o coração pode também dar as voltas certas e, como um giroscópio, pode até manter invariável o eixo da direção da vida, *voltar-se* para o bem ou para o mal... Na Bíblia, são frequentes as expressões “dureza de coração”, “endurecer o coração”, para referir-se à opção firme pelo mal. E fala também do coração de Deus: em algumas passagens para, antropomorficamente, indicar mudança de Seus desígnios: “Pesou a Iahweh ter feito o homem sobre a terra e indignou-se em seu coração” (Gn 6, 6); em outras, para indicar determinação imutável, como quando, ante o holocausto oferecido por Noé, “Iahweh disse em seu coração: ‘Nunca mais amaldiçoarei a terra por causa do homem’” (Gn 8, 21). Também expressões bíblicas, como as de conversão do coração, *voltar-se* do coração etc., evocam o conceito de girador.

Um ponto importante na giração do coração é sua relação com o pensamento. E Cristo explicita essa ligação, quando ante o escândalo dos hipócritas diz: “Por que pensais mal em vossos corações?” (Mt 9, 4; Mc 2,6 e 2,8). Conexão que não escapou a Fernando Pessoa: (“gira a entreter a razão... o coração”).

A complexa conceituação e articulação de coração e razão foi abordada pelo Dalai Lama, no famoso debate sobre Jesus, o Seminário John Main de 1994. Falando precisamente da meditação sobre a compaixão de Jesus, diz que só podemos aprofundar nela unindo coração e pensamento: “A compaixão representa a emoção, ou o coração, e a aplicação da meditação analítica pertence ao intelecto. Quando se chega a esse estágio de estado meditativo, onde a compaixão é refinada, assistimos a uma fusão especial do intelecto e do coração”.

Essas milenares tradições dos Orientes encontraram entre nós uma singela versão, na canção “Armadilha” (sucesso da dupla Mayck e Lyan), da compositora sertaneja Fátima Leão:

Coração gira no peito
Feito um moinho de vento
E uma lembrança pixota
Vira cambalhota no meu pensamento

Dando risada

Um desafio: determinar a qual (ou quais...) das 103 acepções do verbo “dar” (Aurélio), corresponde a encantadora expressão “dar risada”? Essa sugestiva locução, tão nossa, dá-se na BN desde a década de 1840 (“Diário de Pernambuco”, 04-05-1842), mesmo período em que dá o ar de sua graça a – também tão brasileira – “risada gostosa” (“O Brasil” RJ, 02-10-1841).

Embora o poema seja sobre o azul da calça, é com essa expressiva nota que Adélia Prado – em “A poesia, a salvação e a vida” – nos dá toda uma caracterização do “seo Raul”:

Seo Raul tem uma calça azul-pavão
e atravessa a rua de manhã
pra dar risada com o vizinho
Negro bom.

De (partícula)

O dicionário Aurélio, antes de indicar as dezenas de usos da partícula “de” em nossa língua, previne-se dizendo no início do verbete: “Preposição. Partícula de larguíssimo emprego em português. Usa-se, além de noutros casos, nos seguintes...”.

Um desses inúmeros outros casos, existente com variações em diversas línguas, e que têm despertado ultimamente a discussão dos pesquisadores, é o do QBNP (Qualitative Binominal Noun Phrases). O professor Melvin González Rivera, do The College of Wooster, ao resumir suas pesquisas para o caso do QBNP espanhol, toma como exemplo as sentenças: “o idiota do diretor” (el idiota del decano / the idiot of the dean) e “um idiota de um diretor” (un idiota de decano / an idiot of a dean), que podem ser parafraseadas por o “diretor é um idiota” e “um idiota como diretor”. E observa que as QBNP envolvem uma relação sujeito-predicado; a preposição “de”, no caso, não é uma verdadeira preposição, mas uma cópula nominal e que o predicado deve ser valorativo/apreciativo e é tipicamente negativo.

Afastamo-nos, assim, dos usos mais habituais de “de” preposição, especialmente o de relação possessiva. Lembro, a propósito, que já na infância uma de nossas brincadeiras familiares favoritas era a de as crianças sentarem no chão e começarem a interrogar os adultos, sobre os parentes não presentes:

- E a tia Ivete, como é que está?
- Ela está bem, crianças.
- E o tio José, como é que está?
- Ele está bem, crianças.
- (...)

Esgotada a lista de parentes na ladainha, a criançada derivava para animais domésticos:

- E o gato da tia Helena, como é que está?
- Está bem, crianças. (já afetando enfado, o que fazia parte da brincadeira)
- E aí a pergunta final (acompanhada de maliciosas risadas das crianças), o alvo, afinal, de toda a brincadeira:
- E o cachorro do tio Maurício, como é que está?

E a mãe, com fingido tom de repreensão e mal contendo as risadas, intervinha “energicamente”:

- Crianças! Olhem o respeito! Já cansei de falar que não é assim que se pergunta, mas: “o cachorro que pertence ao seu tio Maurício...”

Naturalmente, até as crianças menores bem sabiam que não é que a sogra possuísse uma jararaca ou que o juiz de futebol fosse proprietário de um veado (“o veado do juiz”) ou que tivesse comprado para si um “filha da p. do...”, mas ficavam intrigadas com essas locuções, pelas razões desse uso, já não questionadas pelos adultos.

Como sempre, o OED, Oxford English Dictionary, vem para nos auxiliar, contemplando nosso caso no sentido 24b. de “of”, indicando simplesmente: “in the sense ‘in the form of’”. E é que desde Aristóteles, passando pela escolástica e suas formas substanciais e acidentais, a forma entra na composição do ente como a responsável pelo distintivo, pelo modo de ser, pelas determinações (substanciais ou acidentais) do ente; enquanto seu co-princípio nessa composição, a matéria, é comum e indiferenciada. Desse modo, o cachorro é cachorro pela forma (: a alma de cachorro, que in-forma seu ser, fazendo com que o cachorro seja e aja como cachorro) e é marrom pela forma (a qualidade, o acidente, a forma marrom). Assim modo, quando as características de ser idiota (imbecil, sacana etc.) manifestam-se no chefe, já rotulamos “O idiota do chefe” (as qualidades de idiota in-formam, estruturam meu chefe). Seja como for, no subconsciente do falante, fica sempre a referência ao genitivo e se o Palhares é um canalha (o canalha do Palhares) eu, dirigindo-me diretamente a ele, vou repreendê-lo dizendo: “Palhares, seu canalha...”

O uso dessas QBNP, como apontava González é tipicamente negativo e, em outro estudo, o mesmo professor escolhe o exemplo perfeito: el gilipollas de alcalde / the asshole of mayor (o sacana do prefeito). Aliás, “o sacana do...” (“el cabrón de...”, em espanhol) está entre as formas mais usadas de QBNP. Claro que, em geral, essas insultuosas locuções dão-se na ausência do ofendido: os alunos, os subordinados, os genros etc. comentam reservadamente entre si as “formas” que o professor, o chefe e a sogra assumem.

Se a partícula “de” pode ser empregada como “que é” (o idiota que é o chefe), em outros casos, pode ser usada no sentido de “que está” – como no bordão de Renato Aragão “Ô, da poltrona” (você, que está na poltrona); ou no de “que tem” (“um tenista de futuro”, que tem futuro).

Assumir “forma de”, como indica o OED, ocorre também em outros tipos de locuções com a partícula “de”, como por exemplo: “Ele se faz de vítima” (de bobo, de surdo, de santo etc.) (o espanhol, nestes casos, até dispensa o “de”, identificando a pessoa com a postiza atitude: (hacerse la víctima, el tonto, el sordo). Identificação indicada também em outras formas: Paulinho da Viola, Jacob do Bandolim, Jackson do Pandeiro etc.

Tem razão o Aurélio ao renunciar à enumeração completa dos usos da ardilosa dessa partícula.

De graça é caro

Muitas antigas frases feitas assumem formas mais resumidas pela lei do mínimo esforço e porque para bom entendedor meia pala...

Em sua antiga coletânea de expressões, para expressar que algo não vale a pena, que é “uma fria”, Rolland inclui: “Horta sem água, casa sem telhado, Marido sem cuidado, de graça é caro”, muito cedo reduzida somente a seu final: “de graça é caro”.

Essa forma enxuta já é evidente e o provérbio, na prática, foi sempre usado na forma reduzida, desde sua primeira aparição em nossa imprensa.

Referindo-se a um remédio suspeito o “Correio Mercantil” (BA, 08-06-1848) diz: “Um globulo por dez mil réis!!! (...) até de graça é caro”.

Além do mais, a própria realidade a que se aplica a expressão já a legitima de per si, dispensando o complicado recurso a casa sem telhado, marido, horta etc.

(torço pelo River Plate) Desde criancinha

Torcer envolve muitas piadinhas e sarcasmos no futebol, como a de, na transmissão da Globo, votar para “craque do jogo” no jogador que afundou o time (o adversário ou mesmo o próprio): o goleiro que tomou um frangaço, o cara do gol contra, o atacante que perdeu gols feitos...

Hoje, entre as ironias mais difundidas – e até consagradas – está a da expressão que dá o título a este verbete. Como sabemos desde Nelson Rodrigues torcer é mais sobre ódio do que sobre amor e, não confessadamente, talvez muitos até saboreiem mais ver um desastre do rival do que um triunfo do próprio time.

Em todo caso, não existe isso de que o Grêmio (/Inter), agora, é “o Brasil na Libertadores”: o torcedor colorado (/gremista /palmeirense / atleticano / vascaíno etc.) vibrará ardorosamente por um River Plate se este estiver enfrentando o Grêmio (Internacional/ Corinthians / Cruzeiro / Flamengo; e vice-versa).

“Desde criancinha” era uma forma – muito comum na imprensa esportiva de antigamente – para designar inocentemente alguém famoso como fiel torcedor de determinado time: “Ary Barroso é Flamengo desde criancinha”, “Jô Soares é Fluminense desde criancinha” etc. Neste nosso século, porém, a expressão foi ganhando, cada vez mais, um sentido irônico do torcedor, que assume – indireta e “mal disfarçadamente” – que se declara francamente a favor do adversário do rival (e até compra fogos para comemorar), só que para “encobrir” essa manifesta preferência e não declarar formalmente que é “do contra”, dirá ironicamente: “É que minha avó era argentina e eu sou River desde criancinha”.

É muito difícil datar o surgimento dessa fórmula zombeteira, mas ela aparece já no carioca “Jornal dos Sports”, em 01-07-1993, quando Mário Neto, a propósito de um jogo decisivo entre Argentina e Colômbia, confessa: “Mas, aqui entre nós, sou Colômbia desde criancinha” (o mesmo articulista, no mesmo jornal volta a usar sarcástica expressão em 21-04-1994).

Desgraça pouca é bobagem

É um fato empírico que o realismo dos provérbios frequentemente pende para o pessimismo: pela necessidade que têm seus cultores de alertar os mais jovens de que a vida está mais para vale de lágrimas do que para mar de rosas; porque o infortúnio é mais perceptível do que a sorte (a lei de Murphy não contempla os felizes motoristas da outra fila, a que sempre anda mais rápido); ou simplesmente porque os anônimos que criam os provérbios estão convencidos de que o copo está mesmo é meio vazio. Afinal, o pessimismo do Velho do Restelo decorre de seu “saber só de experiências feito”.

Seja como for, é muito frequente e arraigada a convicção de que “Desgraça pouca é bobagem”, expressão que surge na BN já em 1876 (em “Constituição” PA, 21-08-1876) e, desde então, é muito frequente em nossa imprensa (onde encontramos também formulações alternativas, como “desgraça nunca vem desacompanhada” ou “desgraça não anda sozinha”).

Curiosamente, não passou para o Brasil a correspondente antiga expressão portuguesa (já registrada por Rolland): “Éramos trinta, pariu nossa avó”, que, na versão castelhana iria se tornar um dos mais famosos provérbios da Espanha: “Por si fuéramos pocos, parió la abuela”.

Não contemplado pela nossa “Desgraça pouca...”, costuma haver um fator adicional, o caráter inesperado da nova desgraça que se junta à anterior, como por exemplo: “Logo depois de eu ter sido despedido, ao sair da firma, vi que meu carro tinha um pneu furado”. Esse aspecto da desgraça está mais visível na formulação, notavelmente enxuta de Rolland, além do caráter jocoso da expressão: já era difícil acomodar e alimentar trinta e (de onde menos se poderia esperar, da velha avó) ainda veio mais um!

Quem disse que “pior do que está não fica”?

Deus dá o frio conforme o cobertor

“Deus dá o frio conforme o cobertor”. O provérbio citado por Adoniran Barbosa em sua primeira grande canção de sucesso, Saudosa Maloca, era à época da composição (1951), de formulação muito recente: apareceu por primeira vez na imprensa apenas 7 anos antes: em 19 de março de 1944 (no “Diário Carioca”).

Tinha prevalecido durante séculos o provérbio correspondente, que em sua versão original (apresentado por Delicado, em 1651): “Dá Deos a roupa, segundo é o frio”⁶, com uma diferente ênfase na visão da providência divina que, então, preferia conceder a roupa em função do frio e não ao contrário. O que, no fundo, são “teologias” de mesmo efeito, pois tanto a temperatura como o agasalho estão, em última instância, nas mãos dEle.

Em todo caso, o enunciado primitivo parece trazer um Deus mais próximo das necessidades de cada um, cuidando de que tenhamos o necessário para enfrentar os rigores do inverno (este, atrelado a fatores objetivos e astronômicos, como a inclinação do eixo de rotação do planeta relativo a seu plano de translação, que Deus como que já teria deixado em um “automático” planetário), mas o Joca da canção de Adoniran, na simplicidade de sua fé, não vê dificuldades em que Deus cuide de cada um regulando o próprio (inexorável?) inverno, geral para todos...

Saudosa Maloca

Se o sinhô num tá lembrado
Dá licença de contá
Que aqui onde agora está
Esse adifício arto
Era uma casa veia
Um palacete abandonado
Foi aqui seu moço
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímos nossa maloca

⁶ Embora Delicado apresente também outra versão: “A quada qual dá Deos o frio, conforme o vestido”.

Mas um dia, nós nem pode se alembá
Veio os homis co'as ferramentas
O dono mandô derrubá
Peguemo tuda a nossas coisas
E fumos pro meio da rua
Apreciá a demolição
Que tristeza que nós sentia
Cada táuba que caía
Doía no coração
Mato Grosso quis gritá
Mas em cima eu falei
Os homis tá cá razão
Nós arranja outro lugar
Só se conformemos quando o Joca falou:
“Deus dá o frio conforme o cobertor”
E hoje nós pega páia nas grama do jardim
E pra esquecê, nós cantemos assim:
“Saudosa maloca, maloca querida
Dim-dim donde nós passemu os dias feliz de nossa vida”

No século XIX dizia-se “Deus dá a roupa conforme o frio”, como se lê no “Diário do Rio de Janeiro” (21-08-1871). Essa formulação é pouco a pouco substituída por “Deus dá o frio conforme a roupa”, que passa a prevalecer a partir dos anos 20 ou 30 e permanece como principal até os anos 1980, quando “a roupa” é finalmente desbancada pelo “cobertor”. Uma mudança que certamente, muito deve à canção e às interpretações do próprio Adoniran, Demônios da Garoa, Marlene, Elis Regina e Beth Carvalho, que muito contribuíram para a consolidação da nova formulação do ditado.

Nota sobre a saudade e a “saudosa maloca”

Na imortal maloca saudosa do saudoso Adoniran, devemos tratar de outro ponto importante: há uma aparente contradição em sua letra. Por um lado, ela afirma: “nóis nem pode se alembá”; por outro, os desalojados evocam cantando a maloca “para esquecer”?! Afinal, se é para esquecer, não seria melhor nem tocar no assunto?

A solução do falso paradoxo se dá quando consideramos a própria natureza da complexa saudade. Não se trata de esquecer da maloca, mas de atenuar a dor de tê-la perdido e é aí que se situa a saudade: sentimento marcado por uma surpreendente dualidade.

Saudade – e esse é o segredo desse patrimônio único da língua portuguesa – é uma combinação *agridoce*: dor, mas dor gostosa; dor que não é pura dor, mas traz a consolação do prazer; prazer que dói, assim descrito na genial quadrinha popular:

Saudade, ainda que doa
Tu és nesta vida fugaz
A única coisa boa
De todas as coisas más

Como, por exemplo, traduzir para uma outra língua o verso da canção de Isolda: “Das lembranças que eu trago na vida, você é a saudade que eu **gosto** de ter...?”

A explicação filosófica dessa bivalência é dada por Santo Tomás de Aquino, no século XIII (quando mal havia português e não estava formada a palavra

“saudade”!). Ele fez um agudo diagnóstico – em que inclui até a explicação causal – da saudade: a dor, diz ele, é por si contrária ao prazer, “mas pode acontecer que um efeito *per accidens* da dor seja deleitável, como quando produz a recordação daquilo (pessoa, terra, etc.) que se ama e faz perceber o amor daquilo por cuja ausência nos doemos. E assim, sendo o amor algo deleitável, a dor e tudo quanto provém desse amor também o serão” (I-II, 35, 3 ad 2). Assim, a saudade, na lembrança da dor de uma perda (como a da maloca), a atenua pela evocação, que a acompanha indissociavelmente, da felicidade, dos “dias feliz” que nela “nóis passemu”...

Recebido para publicação em 22-05-23; aceito em 16-06-23